

Luana Costa Almeida



h7E714002

Curso de Pedagogia da Unicamp:
Imagens da formação sob a ótica da prática
profissional de seus formados

Faculdade de Educação
UNICAMP
2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Luana Costa Almeida

Curso de Pedagogia da Unicamp:
Imagens da formação sob a ótica da prática
profissional de seus formados

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a conclusão do Curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação, UNICAMP,
sob orientação da Prof.a. Dr. Helena de Freitas.

Campinas/SP

2004

UNIDADE	FE
Nº CHA	
TCC	UNICAMP
AL64C	
V:	
TOM	1288
PROL	114/2004
C:	X
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	29.10.04
Nº CPD	66.2.325016

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

AL64c

Almeida, Luana Costa.

Curso de Pedagogia da UNICAMP : imagens da formação sob a ótica da prática profissional de seus formandos / Luana Costa Almeida. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Helena Costa Lopes de Freitas.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Professores – Formação. 2. Pedagogia. 3. Formação profissional. I. Freitas, Helena Costa Lopes de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-159-BFE

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Helena Costa Lopes de Freitas

2ª Leitora: Profa. Ivany Rodrigues Pino

Dedico este trabalho ao destino, que existindo, escreveu em si a realização deste sonho; e ao acaso, que na inexistência do destino, permitiu que o universo conspirasse a meu favor para realizá-lo.

Agradecimentos

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho, em especial:

Aos meus amigos e namorado que tiveram paciência em me ouvir, falar e chorar, durante a elaboração deste trabalho;

À professora Ivany Pino que sempre me apoiou e esteve ao meu lado, como amiga e docente e, posteriormente, segunda leitora;

À professora Helena de Freitas, minha orientadora, pelas dicas e confiança no meu trabalho;

Agradeço, enfim, a todos que compartilharam minha graduação no curso de Pedagogia da FE/UNICAMP, por terem compartilhado problemas, dúvidas, sonhos e quedas...

A todos, agradeço de coração,

Luana

ÍNDICE

Introdução	07 - 19
Capítulo I : Resgate Histórico	20 - 41
Capítulo II: A concepção de pedagogo presente na reforma curricular de 1998	42 - 44
Capítulo III: A visão da formação dos profissionais em exercício	45 - 72
Considerações Finais	73 - 75
Bibliografia	76 - 78

INTRODUÇÃO

Para compreender as escolhas profissionais e sua prática, há de se fazer um regresso à época de formação, quando podemos encontrar pistas das opções por diferentes caminhos. Entretanto, estas pistas nem sempre estão explicitadas nos conteúdos e discussões nas diferentes disciplinas, mas são, certamente, suscitadas por estes, em conjunto com as vivências e descobertas cotidianas.

Com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não é diferente, pois as motivações que nos levam a fazer opção por este ou aquele tema são determinadas por experiências e situações vivenciadas durante a formação. Embora possamos chegar com interesses pré-determinados, certamente estes sofrem alterações no percurso da formação.

Dessa forma, acredito na importância de resgatar o percurso de minha escolha pelo objeto aqui pesquisado, para um entendimento mais abrangente do tema.

O caminho percorrido...

Durante os anos que passei no curso de Pedagogia da UNICAMP, um tema que acompanhava as conversas informais era o receio do abandono das habilitações, configurada na reformulação curricular de 1998, em nome de uma formação mais ampla que poderia ter culminado em um currículo “multi-uso”, o qual formaria para tudo (trabalhar nas diferentes áreas do campo educacional) mas acabaria

não dando real formação para especificamente nada, já que tudo ficaria fragmentado, superficial e pouco específico.

Com o passar dos anos e a necessidade de pensar em meu tema de pesquisa para TCC, percebi que este seria o momento mais apropriado para, com investigação, acumular conhecimentos verdadeiros sobre determinada área.

Ao pensar no que abordar em meu TCC, fui me definindo pelo campo de formação de professores, muito em decorrência da minha vivência na época de escola (anterior à faculdade) e minhas conversas com os professores com os quais fiz estágio nas disciplinas de metodologias e práticas.

Nessa trajetória de definição, passei por diversas tentativas em relação ao olhar que daria ao tema. Pensei em voltar-me a um estudo puramente teórico, em que buscaria o profissional que deveria ser formado para a docência (professor reflexivo, professor pesquisador...). Pensei também em voltar-me a um estudo diagnóstico, em que me voltaria à investigação da situação de formação no município de Campinas, investigando como se dá a formação continuada dos professores do ensino fundamental no município. Pensei também, em me voltar a um estudo da legislação referente a formação de professores... E foi entre essas idas e vindas que fui dirigindo meu olhar para a questão da formação dentro do curso de Pedagogia.

Entretanto, se por um lado o olhar estava mais definido, por outro o recorte deste olhar ainda estava confuso. Não sabia o que exatamente queria investigar dentro dessa formação.

E foi nesse momento que procurei a Professora Helena Costa Lopes de Freitas, docente do Departamento de Metodologia de Ensino, que com uma única e simples conversa me auxiliou na definição dos caminhos que poderia traçar. Percebi que não precisou que ela me desse idéias do que fazer, mas que ao conversarmos as minhas próprias idéias foram se tornando mais claras e ordenadas.

Ao conversar com a Profa. Helena, fui vendo que minha história de inquietação com o currículo da UNICAMP se articulava bem com minha vontade de apreender o real , e perpassava pela busca da reflexão dos intelectuais da área de forma conjunta/confrontativa. Ou seja, poderia estudar o que os estudiosos da formação do educador estão indicando como caminho em relação à formação inicial universitária, e como a influenciam dentro de suas manifestações reais, voltando-me para a compreensão desse processo, ou como ele se deu na especificidade da Faculdade de Educação da UNICAMP. Teria “concebido” meu recorte?

Acho que sim, claro que precisaria elaborar melhor, definindo a forma de abordagem desta investigação, mas entendendo que este recorte seria o mais apropriado, por unir parte da minha vivência e dessa forma, familiar a mim, e por se referir a uma universidade que possui um curso de referência nacional.

Outro aspecto que torna o recorte apropriado é que este curso promoveu uma reforma curricular que contemplou as reflexões dos especialistas (representados pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação – Anfope) em relação à formação de professores manifestadas pela máxima de ruptura da dicotomia entre

docentes e especialistas: com o fim das habilitações e assumindo a pesquisa e a docência como base da formação de todo educador. Sem falar que poderia investigar a preocupação dos estudantes de Pedagogia da Unicamp em relação à pertinência dessa mudança de currículo em nosso curso.

A mudança de olhar...

Ao começar minhas leituras em relação ao tema não imaginava o quanto meu olhar e opinião acerca do curso de Pedagogia da FE-Unicamp mudaria.

Comecei a pesquisar o histórico da formação de professores no Brasil e isso me trouxe uma visão diferenciada a respeito do que é formação do profissional da educação. Ao me aproximar das discussões históricas em relação ao tema, percebi que meu olhar e opinião eram fundamentados em achismo.

Conforme me aproximava das discussões, iam mudando também meu olhar e minha fé no currículo proposto pela FE-Unicamp.

Nesse processo (lento e doloroso, confesso), resgatei também buscas que me foram suscitadas nas aulas de Prática Pedagógica, ao ser solicitado (pelo Professor responsável pela disciplina, Guilherme Toledo) um trabalho final em que elucidaríamos nossas concepções sobre Educação, Pedagogia, ser Pedagogo, ser Professor, dentre outras solicitações. Esse retorno a mim mesma, ao que eu acreditava e a quem recorreria para fundamentar minhas concepções, fez-me refletir muito sobre a área (educação), o curso (Pedagogia) e o profissional formado pelo curso (eu, Pedagogo: Professor/ Pesquisador/ Gestor/

Administrador/ Educador/?). Toda essa reflexão auxiliou-me na pesquisa à medida em que, de certa forma, era isso o que procurava saber em relação ao curso: quem ele está formando e se a formação dada por ele é apropriada para construir o profissional que pretende formar.

Parâmetros Metodológicos...

Neste trabalho, tive como objeto de pesquisa a formação dada pelo curso de Pedagogia da Unicamp através do currículo implementado em 1998. Para chegar ao recorte – delimitação de minha pesquisa – elaborei perguntas ao objeto:

1. Onde estão atuando os profissionais formados em Pedagogia pela FE-Unicamp pelo currículo de 1998?
2. Tendo esse currículo como base de formação a docência e a pesquisa, não há um direcionamento para o exercício da profissão nessas duas áreas em detrimento das outras?
3. Em decorrência dessa base (pesquisa e docência), os formados estão preparados para a atuação nas diferentes áreas para as quais o diploma os habilita? Eles se sentem seguros para atuar nessas diferentes áreas?

4. Como o formado em Pedagogia pelo currículo em questão se vê como pedagogo? Um generalista? Um especialista?

Minha preocupação direcionava-se ao caminho inverso, ou seja, saber dos profissionais em exercício como percebiam a formação possibilitada pelo currículo. Portanto, meu recorte de pesquisa era a formação dada pelo curso de Pedagogia da Unicamp através do currículo de 1998, a partir do exercício profissional dos formados por esse currículo, ou seja, a análise da formação através do olhar dos formados tendo como referência para análise a própria prática profissional.

Os sujeitos...

Os sujeitos dessa pesquisa foram os profissionais formados pelo curso de Pedagogia da Unicamp com ingresso em 1998, ano de implementação da reformulação curricular.

A escolha pelos ingressantes em 1998 se deu por serem, provavelmente, os formados com maior probabilidade de atuação nas áreas previstas pelo currículo – devido ao tempo decorrente da formatura – e pela impossibilidade temporal de uma pesquisa com maior número de sujeitos e, dessa forma, mais abrangente.

Coleta e análise dos dados...

A pesquisa realizou-se em duas etapas:

- 1) Levantamento de documentos e fontes que pudessem explicitar a reformulação de 1998 e as concepções do tipo de profissional que pretende formar.
- 2) Localização dos estudantes e entrevista.

A primeira etapa foi realizada após a aquisição do material necessário (proposta curricular e boletins da época) junto a Profa. Helena Costa L. de Freitas, coordenadora do curso na época da reestruturação curricular.

A segunda etapa iniciou-se quando requeremos à DAC informações acerca dos formados em Pedagogia com ingresso em 1998 e, posteriormente, a tentativa de contato com estes sujeitos.

Após a aquisição dos dados necessários para o contato, optamos para que este contato fosse feito por telefone, a fim de que a pesquisa pudesse ser agilizada em concorrência do fator tempo, e por acharmos que assim seria mais fácil obtermos as informações necessárias.

Queríamos neste contato inicial levantar a área de atuação desses profissionais e sua disponibilidade para entrevista, já que o segundo momento da coleta de dados era entrevistar os sujeitos de cada área encontrada.

Entretanto, por causa da mudança na telefonia nos últimos anos, não contatamos um número satisfatório de formados. De um total de 69 nomes, só conseguimos contato com 25 formados.

Em decorrência disso, decidimos tentar contato via carta, a fim de conseguirmos contato com um maior número de formandos. Após enviadas as cartas obtivemos mais 29 respostas, o que totalizou 54 respondentes.

O momento posterior dentro dessa segunda etapa, foi a entrevista realizada com um representante de cada área¹ encontrada.

A opção por entrevistas semi estruturadas, é justificada por se tratar de um estudo de caso de curso e instituição específicos – Pedagogia / FE-Unicamp – e pela necessidade de haver uma maior fidelidade e riqueza das informações, já que os entrevistados são pessoas diretamente envolvidas no processo (Bogdan, 1994) e a entrevista propicia uma interação direta entre pesquisador e pesquisado permitindo que as informações sejam coletadas a partir do que se quer e com olhar direto do pesquisado, ao mesmo tempo que dá espaço para que o pesquisado discorra sobre o tema sem limitações em suas reflexões e informações (Lüdke e André, 1986).

Os entrevistados foram escolhidos em conseqüência das limitações de tempo e espaço. De tempo, por não ser viável entrevistar todos os sujeitos desta pesquisa tendo em vista o curto prazo para conclusão da mesma, acarretando a opção por um profissional de cada área; de espaço, por ser inviável o deslocamento para outras cidades, tendo sido, portanto, observada a proximidade espacial entre pesquisador e entrevistados, a fim de evitar a necessidade de viagens para que as

¹ Entendendo área como o local de atuação dos Pedagogos formados na Unicamp, ou seja, as diferentes possibilidades de atuação deste profissional – Educação não-formal, educação infantil, administração, dentre outras.

entrevistas fossem realizadas. Além disso, um outro fator que impossibilitava um maior número de entrevistados foi a disponibilidade do próprio entrevistado para participar do processo.

Para delimitar as questões que norteariam a entrevista, utilizamos as questões que nortearam a delimitação do objeto e a leitura do documento de reformulação curricular de 1998 para abarcar a análise curricular do curso.

A entrevista abordou as seguintes questões:

- O que o levou a optar pelo curso de Pedagogia?
- Que expectativas você tinha do curso de Pedagogia? O que você achava que era?
- Em que área você atua profissionalmente?
- Você já pretendia esta área anteriormente ao ingresso no curso, optou durante o curso ou após? Se durante o curso, teve algo em específico que despertou seu interesse?
- Você acha que o curso de Pedagogia da Unicamp lhe deu base suficiente para atuar nesta área? O que, da sua formação, você mais utiliza no cotidiano de sua prática?
- As dificuldades profissionais que encontra, você acha que são conseqüência de uma deficiência na formação?
- Na sua vivência profissional, acha que só utiliza os conhecimentos específicos da área em que atua, ou os outros conhecimentos lhe são valiosos? Por que?

- Você acha que o curso, como está organizado, tendência à atuação em alguma área, ou não, a atuação profissional dos formados fica a cargo de seus próprios interesses e de fatores externos ao curso?
- Você sentiu algum tipo de dificuldade no mercado de trabalho ao procurar emprego ou prestar concurso devido ao currículo da Unicamp? Quer dizer, por não haver habilitação para as áreas específicas?
- Como você se vê como Pedagogo? Que características vê nesse profissional formado pela Unicamp?

Essas questões levaram em consideração: a relação do estudante com o curso, suas expectativas e postura perante o curso; o exercício profissional em determinada área, com foco nas possibilidades dadas pelo curso; e sua visão da formação recebida. Tínhamos como objetivo identificar até que ponto suas expectativas com relação ao curso podem ter interferido na formação dada por este, como essa formação se manifesta no cotidiano do exercício profissional e como ficaram gravadas as marcas da formação (concepção e expectativas presentes no currículo) na visão dos formados.

Após colhidas todas as informações e dados necessários – pelo levantamento inicial de áreas de atuação e das entrevistas – prosseguimos com a análise dos dados.

A análise dos dados coletados contou com três etapas:

1. Análise do material documental – documento de reformulação curricular de 1998, boletins da época e discussões que embasaram a proposta de mudança curricular – de forma a identificar que

profissional esperava-se formar no curso de Pedagogia da FE-Unicamp: qual a concepção de Pedagogo e quais as atribuições possíveis para este profissional presentes na proposta curricular.

2. Análise quantitativa das áreas de atuação, para observação da distribuição de atuação profissional dos formados no curso – que têm possibilidade de atuar em diversas áreas.
3. Análise das entrevistas.

O levantamento inicial...

Para compreendermos como estão distribuídos os estudantes formados pelo curso de Pedagogia da Unicamp com ingresso em 1998, optamos por apresentar essa distribuição em um quadro para facilitar a visualização.

Entretanto, antes de apresentarmos o quadro, faz-se necessário que sejam feitas algumas ressalvas em relação aos resultados apresentados.

Considerando que a área de atuação dos formados é o mais importante, pois será ela que nos dará o diagnóstico da abrangência da atuação de nossos profissionais nas áreas para as quais são habilitados a atuar, os dados a seguir não coincidirão em número com os sujeitos respondentes, já que, por vezes, o mesmo sujeito está atuando em mais de uma área profissional. Isso é justificado pela especificidade do trabalho do Pedagogo (facilitado pelo currículo da Unicamp que permite a atuação nas diversas áreas) em que devido a carga horária e a

remuneração, alguns profissionais optam (voluntária ou involuntariamente) por atuar em mais de um cargo/ocupação/área.

Em consequência do acima exposto, embora o número de respondentes seja 54 (de um total de 69) o número de incidências² nas categorias³ somará um total de 63.

Observando o exposto, segue a tabela com o número de incidências por categoria:

Tabela 1: número de incidências por categoria.

CATEGORIA	INCIDÊNCIA
Docência no ensino fundamental (séries iniciais)	17 (27,0%)
Docência na Educação Infantil	13 (20,7%)
Docência na Educação de Jovens e Adultos	03 (04,8%)
Educação Especial	04 (06,3%)
Educação Não-Formal	08 (12,7%)
Área Empresarial	06 (9,5%)
Pesquisa – Pós-Graduação	07 (11,1%)
Coordenação Pedagógica	00 (0%)
Direção	00 (0%)

² Entenda-se “incidência” como o número de respondentes dentro de cada ocupação profissional.

³ Entenda-se “categorias” pelas ocupações previstas para atuação do Pedagogo pelo currículo do curso de Pedagogia da Unicamp implementado em 1998, as possibilidades de atuação em outras áreas e o desemprego.

Desempregados	01 (01,6%)
Atuação em áreas não relacionadas ao curso	04 (06,3%)

Estrutura do trabalho...

No primeiro capítulo faremos um resgate histórico acerca do tema resgatando a discussão que justifica a reformulação curricular e as preocupações do trabalho.

- No segundo capítulo, apresentaremos a concepção de Pedagogo presente no currículo do curso de Pedagogia da FE-Unicamp, instituído em 1998.
- No terceiro capítulo, analisaremos as falas dos profissionais entrevistados, apresentando sua visão de formação, problematizando e indicando as limitações e contradições presentes nelas.

CAPÍTULO I

RESGATE HISTÓRICO

Na história da educação brasileira é notável a presença das diversas dicotomias educacionais: escola para ricos e escola para pobres, escola propedêutica e escola profissionalizante, público, privado... Dentro dessas dicotomias a formação de professores não foi diferente, vemos historicamente a dicotomia entre especialistas e professores, pedagogos e licenciados, especialistas e generalistas (Brzezinski, 1996).

Nessa perspectiva, o curso de pedagogia, desde sua criação e no decorrer de sua história (no Brasil), sofre com essa dicotomia, já que sua finalidade/identidade se vê ameaçada por essa discussão, tendo em vista a incerteza quanto a sua ocupação: deveria ocupar-se da formação de professores (magistério)? Deveria ocupar-se da formação de especialistas (curso técnico)? Deveria ocupar-se da formação de professores e de especialistas (habilitações)? Ou deveria ocupar-se da formação de professores/especialistas (educadores cuja base da formação é a docência)?

Brzezinski (1996), faz um retorno à história desse curso, nos levando aos magistérios, onde, no projeto da Escola de Professores, estaria a identidade do curso de Pedagogia.

A autora demonstra que foi em decorrência de uma necessidade de aprofundamento de estudos na formação do magistério para o início da escolarização, que não se esgotam nos currículos da Escola Normal,

que se vê a origem da necessidade de se expandir os estudos nessa área.

Segundo ela, “na ocasião da LDB/1961, não se cogitava da formação de especialistas na graduação nos moldes como veio a se configurar nas Leis 5540/1968 e 5692/1971” entretanto havia os cursos pós-normais para a formação dos profissionais destinados às funções não docentes (administração escolar, e orientação educacional).

Na década de 1960, durante o período de recuperação econômica (iniciado com golpe militar), segue-se a fase da retomada da expansão, com acentuado desenvolvimento do setor industrial (In Freitas, 1996), em que se visava a qualificação humana, acentuando-se a divisão social do trabalho e a necessidade de formação de mão-de-obra. Neste momento a educação emerge como área estratégica, já que era através dela que ocorreria esta formação de mão-de-obra, havendo para ela uma série de medidas de médio e longo alcance. Essas medidas se materializaram nas leis que alteravam a forma de organização e estruturação da educação brasileira: Lei 5.540/68, que normatizou o funcionamento do ensino superior e a Lei 5.692/71, que reestruturou a educação básica.

Neste contexto de reformulação do ensino para adequação às necessidades impostas pelo modelo econômico vigente (desenvolvimentista/tecnicista), surgem as Faculdades de Educação. Nascidas do processo de desarticulação das faculdades de Filosofia e Letras que se subdividiram em vários institutos e faculdades e que

tiveram as seções de pedagogias transformadas em Faculdades de Educação (In Freitas, 1996).

O curso de Pedagogia, passa a ser organizado de forma fragmentada, sendo organizado por diferentes departamentos e por disciplinas dadas de forma independente e dentro de uma visão unilateral em cada uma delas (Freitas, 1986), acarretando a fragmentação já no momento de formação e na visão dada por esta.

“O modelo tecnicista de formação de professores e de especialistas mantinha a coerência tecnicista, já que fragmentava as tarefas dos profissionais na escola como ocorre na fábrica, consonantemente à própria divisão do trabalho nas sociedades capitalistas” (idem, p 76)

Neste modelo, acentuava-se a dicotomia já existente para a formação do educador: formação de professores ou técnicos, sendo as Faculdades de Educação o locus para a formação desse técnico, agora chamado especialista. Surgem as habilitações.

Com a predominância das habilitações dentro do curso de Pedagogia, acentua-se a separação entre o trabalho de elaboração – especialistas – e o de execução – professores.

A partir desse histórico, começa-se a debater, desde o final de 1970, a identidade do pedagogo, “identidade fragmentada por um currículo e por uma profissionalização insatisfatória para realizar uma tarefa efetivamente educativa” (Scheibel - UFSC e Aguiar – UFPE, s/d).

A área educacional, como um todo, apresenta fortalecimento e reorganização. Tiveram início Conferências Brasileiras de Educação, as quais passaram a representar a possibilidade concreta de os educadores tomarem para si os rumos das discussões e políticas educacionais para o setor, e foi formada a Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de formação dos Educadores – Conarcfe – que substituiu o Comitê Nacional criado em 1980.

Segundo Freitas (1996), foi na III CBE, realizada em 1984, em Niterói que a categoria chamou para si a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, pois tanto em 1939 – quando os cursos foram organizados oficialmente – quanto em 1962 e 1969 – quando foram reformulados – as decisões eram ditadas pelos órgãos oficiais.

Em seu V Encontro Nacional, em 1990, a Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores é transformada em Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope). Essa Associação tem seus objetivos redimensionados com a promoção de estudos, a serem consideradas como referenciais para as reformulações dos cursos de formação dos profissionais da educação.

“Isso faz com que o movimento adquira um novo conteúdo, contribuindo teórica e praticamente com a produção de conhecimento, sobre a problemática da formação do profissional da educação.”
(Freitas, 1996)

Uma temática central do debate levantado pela Anfope é “a questão da base comum nacional”, expressão cunhada pelo movimento e explicitada pela primeira vez no Encontro Nacional sobre “Reformulação dos Cursos de Preparação de Recursos Humanos para a Educação”, realizado em Belo Horizonte em 1983.

Nesse encontro, foi firmado o princípio de que a docência constitui a base da identidade profissional de todo educador e ainda,

“que a teoria e a prática devem ser consideradas o núcleo integrador da formação do educador, posto que devem ser trabalhadas de forma a constituírem unidade indissociável sem perder de vista o contexto social brasileiro” (Conarcfe 1988, In Freitas 1996).

No II Encontro Nacional, em 1986, a discussão sobre a base comum nacional é ampliada elucidando melhor suas concepções e as conseqüências de sua aceitação por parte dos educadores. Define-se que a base comum nacional deverá abranger três dimensões:

- a) a dimensão profissional que define a docência como base da formação do educador quando afirma que “como professores, devemos confluir num certo saber e num certo fazer”;
- b) a dimensão política que aponta para a necessidade de os profissionais do ensino estarem capacitados para repensar e recriar a relação teoria-prática, entender as relações educação-

sociedade e o seu papel na sociedade, "comprometidos com a superação das desigualdades"; e

c) a dimensão epistemológica que "remete à natureza dos profissionais da escola, instituição necessária à transmissão e à elaboração de um saber, onde o científico deve ter um espaço privilegiado". (Conarcfe 1988, In Freitas 1996)

Ainda nesse encontro, retomam-se algumas discussões acerca da identidade do curso de Pedagogia, entretanto, em decorrência da ênfase na questão das habilitações, naquele momento não era possível fazer o estudo detalhado do curso de Pedagogia propriamente e como um todo; retardando a discussão da especificidade desse curso, que é tratado pelo movimento como uma licenciatura, sem deixar de lado seu papel na construção da ciência da educação.

Segundo Freitas (1996), o movimento, neste momento, passa a demarcar as diferenças existentes entre a questão da identidade do curso - "a política científica para a área" - e a discussão da extinção ou manutenção das habilitações - "a política profissional para o pedagogo".

O IV Encontro Nacional⁴, em 1989, reafirmou os princípios gerais do movimento e avançou na formulação de outros dois princípios:

d) os cursos de formação do educador deverão estruturar-se de forma a propiciar o trabalho

⁴ O III Encontro Nacional realizou-se em agosto de 1972, durante a V CBE em Brasília e teve um trabalho apenas organizativo.

interdisciplinar e a iniciação científica no campo da pesquisa em educação;

e) paralelamente à política profissional haverá o desenvolvimento de uma política científica que permita aos discentes o envolvimento significativo com a iniciação científica no campo da pesquisa em ensino. (Conarcfe 1989, In Freitas 1996)

O V Encontro, realizado em 1989, foi o local principal de discussão da questão do trabalho docente como base da formação do pedagogo. Isso por surgirem divergências em relação à identidade da pedagogia que giravam em torno de duas concepções: uma que afirmava que o objeto de estudo da pedagogia seria a educação formal em ambiente escolar; e outra que coloca este objeto como a educação em qualquer ambiente social em que ela ocorra (In Freitas, 1996). Aponta-se ainda a crítica à fragmentação dentro das próprias faculdades de educação em departamentos.

O VI Encontro, realizado em 1992, avança para a formulação de uma proposta concreta para uma política de formação do profissional da educação. Esta proposta, segundo Freitas (1996), quebra com a tendência do movimento de não sugerir alternativas para a organização das agências de formação do profissional da educação, apresentando uma estrutura que coloca nas Faculdades de Educação o lugar onde deve ocorrer essa formação.

Os princípios da Anfope para a reformulação dos cursos de formação dos profissionais da educação são:

a) A questão da formação do educador deve ser examinada de forma contextualizada. Insere-se na crise educacional brasileira a qual constitui uma das facetas de uma problemática mais ampla, expressão das condições econômicas, políticas e sociais que configuram uma sociedade profundamente desigual e injusta que vem esmagando a grande maioria da população e relegando-a a uma situação de exploração e miséria.

b) A transformação do sistema educacional exige e supõe sua articulação com a própria mudança estrutural da sociedade em busca de condições de vida justas, democráticas e igualitárias para as classes populares.

Ter presente estas amarras mais amplas é fundamental para evitar que o debate da formação do educador concentre-se apenas em questões técnicas. Esta etapa já foi vencida há muito tempo pelo movimento.

c) É dever do Estado atribuir recursos financeiros adequados prioritariamente à manutenção das instituições educacionais públicas, a fim de garantir o direito dos cidadãos à qualidade e à gratuidade do ensino em todos os níveis.

d) A valorização dos profissionais da educação, decorrência da valorização social da educação, é fator extremamente

importante para viabilizar o compromisso com a qualidade de ensino.

e) No movimento de luta pela democratização da sociedade brasileira está inserida a necessidade da gestão democrática da escola e da educação, em todos os níveis e esferas.

f) A autonomia universitária supõe a afirmação da liberdade acadêmica e científica, da organização administrativa e da gerência de recursos materiais e financeiros. A efetivação da autonomia universitária passa pela descentralização do poder de decisão na área da educação, tanto a nível interno quanto externo (gestão democrática). A autonomia não implica em que o Estado se descomprometa com a manutenção e o desenvolvimento das instituições públicas de ensino.

g) Quanto aos cursos de formação de educadores, as instituições deverão ter liberdade para propor e desenvolver experiências pedagógicas a partir de uma base comum nacional.

h) Todos os cursos de formação do educador deverão ter uma base comum: são todos professores. A docência constitui a base da identidade profissional de todo educador.

i) A teoria e a prática devem ser consideradas o núcleo integrador da formação do educador, posto que devem ser trabalhadas de forma a constituírem unidade indissociável, sem perder de vista o contexto social brasileiro.

j) Os cursos de formação do educador deverão ser estruturados de forma a propiciar o trabalho interdisciplinar e a iniciação científica no campo da pesquisa em educação⁵.

Em meados da década de 1980, acompanhando o movimento de formação do educador e dos professores de primeira a quarta séries e educação infantil, os cursos de Pedagogia de Universidades Públicas, comprometidos com as reflexões acerca da formação dos profissionais da educação, passaram a apresentar modificações em seus currículos de modo a formar no interior do curso, os profissionais para esses níveis de ensino.

Entretanto, a LDB de 1996, contrariando o que os estudiosos da área, representados pela ANFOPE, vinham construindo acerca da formação do educador, reforçou a velha dicotomia entre professores e especialistas.

Tendo em vista que define {a Lei 9394/96} em seu TÍTULO VI DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão:

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

O que, todavia, não interrompeu o processo já iniciado de profundas mudanças nas Faculdades de Educação públicas que, durante a década de 1990, protagonizaram propostas de reformulação dos cursos de Pedagogia fundamentados nos princípios da ANFOPE (princípios norteadores e base comum nacional). Tais como a proposta da Universidade Federal Fluminense (1994), da Universidade Federal de

⁵ ANFOPE. VI Encontro Nacional. Documento Final, 1992: 8-9

Minas Gerais (1996), da Universidade Federal de Mato Grosso (1994), incluindo-se nesta lista a Universidade Estadual de Campinas (1992 e 1998), cuja reformulação de 1998 é o objeto de estudo deste trabalho.

O curso de Pedagogia da Unicamp especificamente...

O curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp começou a funcionar em 1974 com a finalidade de formar especialistas para a educação, sendo organizado em três habilitações: Orientação Educacional, Administração Escolar e Supervisão Escolar.

Embora não conste nos catálogos de graduação de 1974, 1975 e 1976 a habilitação de Magistério, o catálogo de 1976 afirmava que o licenciado em Pedagogia poderia atuar no magistério de primeiro e segundo graus e, ainda, como docente Universitário. Esta habilitação, a de magistério da Escola Normal que habilitava o graduado a lecionar as disciplinas e atividades práticas da Escola Normal, só esteve presente como tal a partir do catálogo de 1977. Afirmava, ainda, que o licenciado poderia atuar no ensino de primeiro e segundo graus.

O reconhecimento do referido curso veio em 03 de outubro de 1977, quando foi publicado no Diário Oficial da União sob o Decreto 80.480. De acordo com este Decreto, o curso poderia ser organizado em quatro habilitações: Orientação Educacional, Administração Escolar, Supervisão Escolar e Magistério das Disciplinas Especializadas do Ensino de 2º Grau.

Dessa forma, nos catálogos subseqüentes ao invés da habilitação de Magistério da Escola Normal, consta o de Magistério das Disciplinas Especializadas do Ensino de Segundo Grau, em que além da docência nos anos iniciais de escolarização, era possibilitado aos habilitados o magistério das disciplinas e atividades práticas especializadas.

O currículo, nestes anos, era organizado em dois blocos: um núcleo comum a todas as habilitações e um específico a cada habilitação escolhida, sendo permitido a conclusão de no mínimo uma e no máximo duas habilitações. O estágio acontecia no segundo bloco e de acordo com a habilitação específica.

A primeira reformulação curricular do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp ocorreu em 1979, num momento histórico no qual a abertura política já estava em vias de acontecer com o fim do Regime Militar próximo e o prenúncio da ocorrência de eleições para a escolha dos representantes do país.

O currículo de 1979 continuou organizado em função de habilitações, num total de quatro: Orientação Educacional, Administração Escolar, Supervisão Escolar e Magistério das Disciplinas Especializadas do Ensino de Segundo Grau. E sua organização era: na primeira parte do curso englobava-se as disciplinas de fundamentos (História da Educação, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Psicologia da Educação), constituindo o núcleo básico de formação do pedagogo e na segunda abarcando as disciplinas específicas a cada uma das habilitações, incluindo os estágios a serem realizados ao final do curso, na tentativa de articular teoria e prática.

A principal mudança notada nesta proposta é em relação ao estágio, em que se discute que o contato dos licenciandos com a realidade educacional deveria se dar desde o início do curso e não somente depois das disciplinas de fundamentos. O argumento que sustentava essa posição era a de que se tomasse o próprio trabalho pedagógico (entendido na sua dimensão mais ampla, não se restringindo ao desenvolvido em sala de aula) como articulador entre Teoria e Prática e, portanto, deveria ocorrer desde o início⁶.

No período de 1983/84 ocorreu na Faculdade de Educação da Unicamp uma discussão suscitada pelos debates do I Encontro Nacional da CONARCFE, com o objetivo de promover mudanças na Habilitação de Magistério do curso de Pedagogia da referida instituição.

Ao final do processo de reformulação, as alterações implementadas foram a introdução das cinco didáticas específicas⁷ como obrigatórias para os alunos da Habilitação Magistério; a introdução de Metodologia, Ciência e Sociedade e da Didática Integrada; a ampliação da carga horária de Metodologia de Ensino de 1º grau de 4 horas para 8 horas (4 teóricas e 4 práticas); e a ampliação do número de horas do estágio de 6 horas semanais para 12 horas semanais (180 horas/semestrais – 360 horas/anuais), incluídas na carga horária do aluno⁸.

A partir de 1986, iniciou-se na Unicamp um processo de avaliação dos cursos de graduação e o incentivo à implantação dos cursos

⁶ Documento/proposta do DEME da FE/Unicamp, 1979. In Coutinho 2003.

⁷ Alfabetização, Matemática, História, Geografia e Ciências.

⁸ Proposta de Reformulação da Habilitação Magistério. DEME, maio/1984 In Coutinho, 2003

noturnos. Esse processo englobou todos os institutos e faculdades da referida universidade.

A criação dos cursos noturnos se tornou obrigatória após a promulgação da Constituição do Brasil em 1988.

Conjuntamente a esse processo de avaliação dos cursos de Graduação, voltou à tona a discussão referente à reformulação do curso de Pedagogia em meados de 1987.

Em 1988, na FE/Unicamp, uma Comissão de Estudos para Reformulação do Curso de Pedagogia é instaurada com o intuito de encaminhar propostas de mudanças estruturais neste curso.

Para estas mudanças, propõe-se uma formação teórica sólida para o educador e três áreas de atuação do pedagogo: gestão escolar, formação de professores e formação de profissionais de apoio. Não defende a formação generalista do profissional da educação, mas sim uma integração entre essas três áreas de atuação. Além disso, é apresentada proposta de criação do curso de Pedagogia no período noturno.

As modificações apresentadas nesta reformulação são:

- As habilitações passam a ser: Magistério do Pré-Escolar, Magistério das Séries Iniciais do Primeiro Grau, Magistério de Matérias Pedagógicas do segundo Grau, Magistério para as Classes de Alfabetização.
- Além disso, a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica é introduzida no currículo nos três primeiros semestres,

possibilitando ao aluno o contato com a realidade educacional desde o início do curso e a articulação entre Teoria e Prática⁹.

Durante os anos de 1991 e 1992, a Comissão Instaurada para implementar o curso noturno agora tem como objetivo reformular o curso diurno.

A estrutura curricular do curso diurno de Pedagogia da FE/Unicamp, a partir de 1993, incorporou a docência como base de formação do educador, sendo que a Habilitação Magistério das Séries Iniciais da escolarização passa a ser obrigatória, podendo o aluno optar por mais uma habilitação oferecida pela instituição¹⁰. Outra incorporação do currículo foi a inclusão da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica, já inserida no noturno.

A partir de 1992, o currículo do curso de Pedagogia fica organizado em dois momentos: o primeiro, compreendendo o núcleo comum do curso com as chamadas disciplinas de “fundamentos” (História da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Filosofia da Educação) e as obrigatórias para a Habilitação “Magistério das séries iniciais do 1º Grau” (até o 5º semestre) e o segundo, incluindo as disciplinas obrigatórias da segunda habilitação escolhida pelos alunos.

As habilitações totalizam quatro: Magistério das séries iniciais do primeiro grau (obrigatória); Administração Escolar; Supervisão Escolar; Magistério para educação pré-escolar e Educação Especial – Formação de professores de deficientes mentais.

⁹ Coutinho, 2003.

¹⁰ Após o término do curso era permitido ao aluno voltar para cursar outras habilitações.

O curso foi organizado em 9 semestres (4 anos e meio) tanto para o diurno quanto para o noturno, sendo que em todos os semestres há disciplinas do “eixo prático do currículo” (Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e II; Prática de Ensino do I Grau; Estágios, Didática, Metodologia em 1º Grau), tendo como função articular os fundamentos teóricos com a prática pedagógica. O Estágio era realizado nas duas habilitações escolhidas: Magistério (obrigatório) e a segunda habilitação.

Reformulação curricular de 1998...

A última reformulação curricular do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp se deu no período de 1996 a 1998.

Em junho de 1996 a Congregação da Faculdade de Educação aprovou a criação de uma Comissão Ampliada¹¹ para Avaliação do Curso de Pedagogia que foi aprovada por unanimidade.

Essa Comissão Ampliada teve como objetivo levar adiante o processo de avaliação do curso e elaborar uma nova proposta de estrutura curricular.

A Comissão trabalhou com o apoio de quatro Sub-Comissões, coordenadas pelos docentes ligados às habilitações¹².

¹¹ Fazia parte dessa Comissão os *Professores (a)*: Águeda Bernadete Bittencourt, Ana Lucia Goulart de Faria, Ana Maria Torezan, Antônio Carlos Bergo, Clara Germana de Sá G. Nascimento, Corinta G. Geraldi, Elisabete M. de Aguiar Pereira, Elizabeth de A. S. P. de Camargo, Maria Teresa P. Cartolano, Rosely Palermo Brenelli, Sérgio A. da Silva Leite, Ulisses Ferreira de Araújo; *representantes estudantis*: Dois cujos nomes não constam do documento final; e a *Coordenação de Pedagogia*: Helena Costa L. de Freitas, Lilian Lopes M. da Silva.

¹² Comissão das Habilitações Administração e Supervisão escolar, sob responsabilidade da Profa. Elisabete M. de Aguiar Pereira, do DASE (Departamento de Administração e Supervisão Escolar); Comissão da Habilitação Pré-Escola ou

Com a finalidade de promover uma discussão mais ampla e situar o curso de Pedagogia da Unicamp no processo de mudanças iniciadas na década de 1990 nos cursos equivalentes de Universidade Públicas, já em 1996 essa comissão realizou reuniões, ouviu os departamentos, os estudantes e realizou nos dias 9,11 e 12 de setembro o Seminário “Curso de Pedagogia: experiências em construção”, que teve colaboração de professores dos Cursos de Pedagogia de Angra dos Reis – Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade Federal de Minas Gerais.

Nesse seminário o contato com diferentes propostas curriculares permitiu adentrar a discussão sobre as concepções que informavam as diferentes reestruturações em nível nacional.

Algo importante de registrarmos é a recorrência, nas diferentes propostas em curso apresentadas nesse seminário, dos princípios da Base Comum Nacional defendidos pela ANFOPE como norteadores da organização curricular nos Cursos de Pedagogia.

No início de 1997 foi elaborada (e apresentada à Comunidade) pela Comissão Ampliada, uma primeira versão da Proposta de Reformulação Curricular. Nessa proposta, observou-se a preocupação com a superação da fragmentação do curso de Pedagogia causada pelas habilitações em busca de uma formação mais ampla que tenha a compreensão do trabalho pedagógico como um todo (escolar e não

Educação Infantil, sob responsabilidade da Profa. Ana Lúcia G. de Faria, do DECISAE (Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação); Comissão da Habilitação de DM, sob responsabilidade da Profa. Ana Maria Torezan, do DEPE (Departamento de Psicologia Educacional) e Comissão das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica, sob

escolar). Dessa forma a proposta curricular apresentada superava a fragmentação das habilitações e dava ao Pedagogo formado por ela a possibilidade de exercer as várias funções/tarefas de responsabilidade desse profissional, bem como a ampliação e aprofundamento em diferentes áreas, através dos núcleos temáticos¹³.

Sensível às preocupações manifestadas acerca da proposta, mas também atenta às limitações impostas pelo calendário, a Coordenação, de comum acordo com a Comissão, decidiu realizar um seminário nos dias 23 e 24 de abril, com a paralisação de todas as atividades didáticas, para o estudo da proposta de reformulação curricular do curso de Pedagogia.

Estes dois dias de seminário contaram com ampla participação dos estudantes e professores e sendo bastante frutíferos e possibilitando o desenrolar do processo de maneira a garantir uma proposta curricular com a compreensão de que o currículo é algo em constante construção e que as discussões, mesmo após encaminhamento da reformulação da grade curricular para 1998, continuariam para aprofundamento das questões do currículo e dos núcleos temáticos.

Segundo o documento final de reformulação curricular, elaborado pela Comissão Ampliada de Pedagogia, a "intenção da Comissão Ampliada ao trabalhar a nova proposta foi a de criar condições para

responsabilidade da Profa. Corinta, do DEME (Departamento de Metodologia de Ensino).

¹³ Conjunto de disciplinas eletivas exigidas para conclusão do curso, que são oferecidas pelos diferentes departamentos e grupos de pesquisa da Faculdade de Educação, segundo o interesse dos alunos.

uma concepção/compreensão da totalidade do trabalho pedagógico – escolar e não escolar – para além da fragmentação das habilitações (...) que, aliada à possibilidade de criação/implementação dos núcleos temáticos, dá à proposta um caráter inovador” (Comissão Ampliada, 1997).

A proposta de núcleos temáticos talvez tenha sido a maior ousadia da proposta de implementação curricular de 1998, juntamente com a aposta no trabalho coletivo e interdisciplinar, já que as diversas áreas poderiam ser abordadas em forma de núcleos temáticos e estes juntamente com o trabalho coletivo propiciariam espaço para uma visão integrada do trabalho pedagógico, eliminando as divisões e fragmentações entre as diferentes áreas e espaços em que se desenvolve o trabalho educativo.

As principais marcas da proposta curricular de 1998 podem ser enunciadas como:

- Fim da divisão e fragmentação entre habilitações, o estudante não conclui a Graduação com especialização em uma área específica de atuação, mas possui uma visão global de todo trabalho pedagógico e administrativo que ocorre na escola, o que o habilita a exercer as várias funções no espaço escolar;
- A redução do tempo de curso de 4 anos e meio para 4 anos;
- Estruturação curricular por módulos bimestrais, com 2 disciplinas cada um, com a Pesquisa Pedagógica de 01 semestre

constante, a serem desenvolvidos em períodos de 8 a 10 semanas (4 módulos/ano)¹⁴;

- Organização do currículo tendo como base a pesquisa e a docência, sendo que parte das disciplinas das antigas habilitações foi incorporada à nova estrutura com o intuito de oferecer a formação ampla e integral do processo de trabalho pedagógico;
- Para atender aos princípios norteadores da proposta (base na docência e pesquisa), em todos os semestres há uma disciplina do “eixo prático” do currículo – Pesquisa Pedagógica I, Pesquisa Pedagógica II, Didática, Metodologia do Ensino Fundamental, Prática de Ensino nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II, Educação Não Escolar (contempla estágios) ;
- Garantia de sólida formação teórica no campo da docência e da educação, mantendo as disciplinas de Fundamentos Metodológicos das disciplinas de 1ª a 4ª séries da educação básica (Alfabetização, Matemática, Ciências, História e Geografia), Didática, Metodologia de Ensino, Estágio, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica, Planejamento Educacional, Gestão Escolar, Pesquisa (Pesquisa e prática e Metodologias de Pesquisa), além das chamadas disciplinas de “fundamentos” (História da Educação, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Psicologia da Educação);
- Instituiu-se o estágio supervisionado em escolas de educação infantil e mantido o estágio nas séries iniciais, proporcionando nestes

¹⁴ Essa forma de organização curricular foi retificada após avaliações feitas durante o primeiro ano de implementação, 1998 (Informativo da coordenação, 1998)

espaços, o conhecimento e a experiência prática no âmbito da gestão e supervisão educacional.

CAPÍTULO II

A CONCEPÇÃO DE PEDAGOGO PRESENTE NA REFORMA CURRICULAR DE 1998

Para o objetivo do presente trabalho, é muito importante a elucidação da concepção de Pedagogo presente na reformulação curricular de 1998.

Retornando ao documento final de reformulação curricular (Comissão Ampliada, 1998), encontramos essa concepção de Pedagogo:

“A convivência cotidiana com uma situação particular em nosso curso de Pedagogia – o ‘retorno’ dos estudantes a cada ano para complementarem sua formação em cada uma das habilitações – colocava para a Coordenação a tarefa de repensar a possibilidade da formação continuada dos profissionais que retornavam ao curso de Pedagogia. Era urgente ultrapassar a visão de formação restrita a uma ou duas disciplinas teóricas e aos estágios Supervisionados no campo da Administração e Supervisão. A partir dessas percepções, foi se criando um consenso de que a formação de nossos alunos deveria abranger todas as possibilidades profissionais colocadas pelas diferentes habilitações: professor de pré-escola ou profissional de educação infantil, professor de deficientes mentais [portadores de necessidades especiais], de primeira a quarta séries do ensino fundamental, diretor e supervisor. Ou seja, deveríamos centrar nossas discussões na

formação do Pedagogo como um profissional da educação que entra na vida profissional com condições de trabalho em quaisquer destes campos." (Comissão Ampliada, 1998)

Assim, embora – como já citado no capítulo anterior – este currículo contenha inovações e ousadias, podemos notar que essas só ocorrem por haver uma grande mudança na visão de profissional que ele pretende formar: Um profissional que consiga transitar pelas diversas áreas educacionais – compreendendo e intervindo – tendo uma visão global – não fragmentada nas especializações – do trabalho pedagógico, de forma a ser capaz de pensar e sugerir transformações que possam abranger os diversos fatores que influem no fenômeno educacional.

Contudo, a Comissão Ampliada entendeu que a formação desse profissional não se restringiria a quatro anos de curso – e talvez nem seja possível formar um profissional tão completo por mais tempo que se tenha – por isso trabalhou com a idéia de fundamentação básica e aprofundamento em disciplinas eletivas e em nível de pós-graduação, de forma a não especializar em cada uma das áreas, mas, ao contrário, dar base suficiente para que o trabalho e a busca de conhecimentos nessas diferentes áreas seja possível.

Dessa forma, espera-se do profissional formado pela Unicamp ter a base para o trabalho nas diferentes áreas e ter subsídios suficientes para a continuidade de estudos para sua prática profissional. Sendo capaz, portanto de formar-se como um educador de caráter amplo, e

concepção de pedagogo

qual o profissional formado pela Unicamp

atuar no âmbito da escola e do trabalho pedagógico escolar e nos demais espaços educativos.

CAPÍTULO III

A VISÃO DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS EM EXERCÍCIO

O processo...

Analisar a formação dada por um curso para além de sua proposta curricular não é algo simples, já que exige acesso a meios e fontes que possam ultrapassar os documentos oficiais. Dessa forma, ao invés de nos limitarmos ao currículo e às concepções de seus idealizadores sobre o curso, optamos por analisar essa formação ouvindo aqueles que passaram por ele e, que, inseridos na prática profissional, podem debruçar-se sobre esse processo e compartilhar seu olhar sobre essa formação.

Percebemos que possibilitamos aos formados, na entrevista uma análise crítica dessa formação, tendo como eixo norteador e de referência, sua prática profissional. Ou seja, ao pedirmos aos formados que nos falassem de sua formação a partir do lugar específico de profissionais atuantes nas diferentes áreas¹⁵, possibilitamos a eles esta volta a sua formação com o olhar profissional, do trabalho.

Com esta análise, pretendemos levantar e esclarecer pontos que ficaram em aberto no momento da reformulação curricular e investigar as preocupações dos graduandos do curso de Pedagogia ao se perguntarem da pertinência do fim da fragmentação das habilitações e, portanto, do conteúdo da reformulação curricular e da formação.

Os dados encontrados...

No presente trabalho, como já explicitado, a coleta de dados foi feita em dois momentos. O primeiro com o levantamento da atuação profissional dos formados com ingresso em 1998. E o segundo com uma entrevista semi-estruturada com um profissional de cada área¹⁵ prevista para atuação do Pedagogo formado pela Unicamp e nas quais encontramos atuação de nossos sujeitos.

A partir dos dados obtidos através do levantamento inicial, entrevistamos 07 profissionais. A leitura das entrevistas e a análise dos dados nos permitiu identificar elementos comuns nas respostas, o que possibilitou a construção de categorias para análise do problema.

✓ Ênfase na atuação profissional docente:

Cinco dos sete entrevistados indicam que o curso, como está estruturado, direciona para atuação profissional na docência.

Os dados encontrados no levantamento inicial (explicitado no quadro1) apontam para uma concentração na atuação profissional docente, já que das 63 atuações encontradas, 33 são na docência de ensino fundamental, educação infantil ou de jovens e adultos.

¹⁵ Tendo em vista que foram entrevistados um profissional de cada área em que encontramos formados do ano em questão atuando.

¹⁶ Entendendo área como o local de atuação dos Pedagogos formados na Unicamp, ou seja, as diferentes possibilidades de atuação deste profissional – Educação não-formal, educação infantil, administração, dentre outras.

*Pergunta: Você acha que o curso, como está organizado, tendência à atuação em alguma área, ou não, a atuação profissional dos formados fica a cargo de seus próprios interesses e a fatores externos ao curso?*¹⁷

Respostas:

“O curso empurra para a escola, a escola pública. Posso afirmar isso sem medo de ser feliz... e para ser professor.” (entrevistada 1)¹⁸

“Para educação, para escola, ele é voltado principalmente para atuação como professor, ele não está voltado pra área administrativa.” (entrevistada 2)

“Na verdade eu estou me baseando agora pelas pessoas que se formaram comigo, a minha sala, por exemplo, está todo mundo em educação infantil ou em primeira a quarta - séries, quem está trabalhando. Eu sou a única em educação de adultos, mas é docência também, e uma outra pessoa, nem sei mais... Então quando se discute escola, acaba discutindo criança de primeira, segunda, terceira e quarta-séries, ou educação infantil, porque você tem disciplinas específicas... Fundamentos da Educação Infantil, Fundamentos ... Querendo ou não, por este histórico das minhas colegas, das pessoas que conheço é um pouco tendencioso.” (entrevistada 3)

¹⁷ As falas citadas são em sua maioria retiradas da pergunta explicitada, entretanto podem ter ocorrido falas referentes ao tema abordado que não eram referentes a esta pergunta, mas que estão sendo utilizadas por sua pertinência ao tema.

“Ah! Para educação de primeira a quarta, sem dúvida!” (entrevistada 5)

“Pelos professores que eu tive você acaba se limitando mais a ser professor, porque pedagogia você pode atuar em indústria, tudo, mas você não tem assim, os professores não te despertam mais para essa área, o que te despertam é para você ser pesquisador ou você ser professor.” (entrevistada 7)

Nestas falas, podemos observar que as entrevistadas falam do curso como priorizando a atuação do Pedagogo na docência, entretanto há de se fazer duas observações: 1) as candidatas não estarão extremizando a formação? Ou forma para isso, ou forma para aquilo. 2) a atuação profissional depende inteiramente do “indicativo” do curso?

A primeira observação se justifica pela fala, principalmente, da entrevistada 7, que coloca a sua formação nas mãos dos professores responsáveis pelas disciplinas que fez, colocando-a como ou para uma área ou outra sem analisar com mais cuidado o todo da formação.

A segunda observação se justifica, principalmente, pela fala da entrevistada 3, que nos dá um indicativo de que a atuação profissional pode não estar inteiramente ligada ao curso, mas ao mercado de trabalho.

Quando a entrevistada 3 coloca a atuação da maioria de seus colegas na docência, ela acaba deixando-nos a dúvida de não saber se a

¹⁸ Para os devidos fins omitiram-se os nomes dos entrevistados sendo identificados como entrevistado 1/2/3/4/5/6 e 7.

atuação desses profissionais na docência é decorrente da opção por esta área ou determinada pelas oportunidades encontradas no mercado de trabalho.

Para esclarecer esta dúvida, nos voltamos a outros trechos das entrevistas (uma outra pergunta) que nos traz novos elementos.

Pergunta: “Você já pretendia esta área anteriormente ao ingresso no curso, optou durante o curso ou após? Se durante, teve algo em específico que despertou seu interesse?”

Respostas:

“Não, isso foi um acaso. Eu nunca pensei em trabalhar na área de Educação Não Formal, eu me formei e estava procurando atuar em qualquer área, na verdade, porque tudo me interessa um pouco, nada muito específico. Na verdade, minto, tem uma área específica que eu gosto, de tecnologias, mas eu não estava conseguindo achar nada nessa área pra eu trabalhar. Consegui dar aula de informática algum tempo, mas, assim, não é bem isso, porque dar aula de informática não é exatamente trabalhar educação e tecnologias (...). É mais trabalhar tecnologias que não é o caso. Aí, o que aconteceu, eu fiquei sabendo dessa vaga, nesse lugar, aí eu pensei que fosse interessante, principalmente por causa dessa parte de informática desse projeto que eu citei. É, eu fiquei

sabendo que teria isso e aí eu pensei, eu não vou dar aula de informática nesse lugar, eu ia fazer o projeto pedagógico de informática aí sim era o que eu achava interessante. Eu acabei indo para lá. Não pela característica de Educação Não Formal, mas por causa da área de informática mesmo. Então foi um acaso mesmo, aí eu fui pra lá e, bom, foi isso". (entrevistada 1)

"No começo eu entrei na área da qualidade¹⁹, e era um espanto pra mim, eu me perguntava 'o que eu vou fazer aqui?!' E até hoje eu falo que eu estou trabalhando na área da qualidade e as pessoas falam 'Nossa uma Pedagoga? Você deveria estar na área de RH.' A pessoa tem aquele pré conceito de Pedagogo. Mas eu estou descobrindo, ultimamente, que tem muito a ver. A parte de metodologia, de didática. Porque assim, eu sou uma analista de qualidade, e a gente tem que lidar lá onde eu trabalho, com os 400 funcionários da empresa, e trabalhar com eles, estar utilizando muito esses recursos, de didática pra tudo de metodologia, de como passar as coisa pra eles, os programas, o treinamento. Eu, atualmente, lá, estou até gerenciando um programa específico, eu me dei tão bem, é um programa chamado 5s, é um programa totalmente educacional." (entrevistada 2)

"Na verdade, aconteceu durante o curso, porque em 2000 a prefeitura de Campinas abriu concurso público e eu estava no terceiro ano da

¹⁹ Ocupação dentro de uma empresa em que se é responsável, entre outras coisas, pelos programas de treinamento de pessoal.

Pedagogia, estudava no vespertino, e eu queria/podia prestar porque eu tinha diploma de magistério, mas eu não queria trabalhar com educação infantil. Eu acho que eu via muitas professoras/ no estágio eu via muitas professoras dando aula e eu tinha dó, eu tenho até hoje dó de professora que trabalha com primeira a quarta série, eu acho muito estafante assim (...). E Educação Infantil também, eu acho que eu não dou para isso. Não que eu não tenha vontade, mas eu acho que não dentro de uma escola, de uma instituição, ficar 5 horas, e aquela confusão numa sala com 40 alunos... E eu queria trabalhar, mas eu queria trabalhar em uma coisa que não me tomasse tanto tempo em hora aula mesmo, tempo relógio, para eu poder me dar tempo para a Pedagogia. E aí eu vi que tinha FUMEC, que existia FUMEC, eu nem sabia o que era direito FUMEC, só sabia que trabalhava com adultos e como eu nunca tinha visto, ninguém no magistério tinha falado em educação de adultos, muito menos na faculdade... na faculdade eu lembro que no segundo ano a Sônia Giubilei ofereceu uma disciplina de Educação de Jovens e Adultos. Porque ela é a professora do GEPEJA, mas era à tarde bem no horário da minha aula então, segundo ano você nem sabe que pode trocar disciplinas, fazer uma de manhã e trocar pela tarde, aquelas coisas assim... falei 'Ah! Não posso fazer' e não fiz, e acho que foi essa vontade de estar descobrindo uma coisa que eu nunca havia conhecido, eu sabia que era difícil, me dava medo trabalhar com adultos, porque eu sei que adulto é

uma pessoa diferente de lidar que criança. Mas foi esse impulso de querer conhecer algo novo.”
(entrevistada 3)

Desta forma, podemos observar que a atuação nas diferentes áreas se deu, nestes casos, por “acaso”, por oportunidades que surgiram. Não tendo sido o curso, em si, um fator determinante na opção individual destas entrevistadas.

O que nos leva a acreditar que o curso, na verdade, não direciona a uma determinada atuação, ele dá maior ênfase a ela em sua grade curricular (segundo o que sentem os entrevistados), pela própria concepção do curso que tem como base de formação a docência e a pesquisa, mas que a atuação vai ser direcionada pelas oportunidades encontradas no mercado de trabalho.

Este aspecto nos leva a refletir em relação aos estudantes, que podem estar rotulando o curso como sendo dirigido a atuação na docência e enfatizando essa atuação, quando o que ele faz é ter esta área, segundo consta em sua proposta, como a base para a formação do Pedagogo conjuntamente com a pesquisa. Isso gera uma preocupação em relação a uma possível falha na consciência por parte dos estudantes da concepção de Pedagogo presente no curso que fazem e desta forma a uma falha nas discussões necessárias para que estes estudantes assumam autonomamente e conscientemente a sua própria formação, podendo compreender e lutar por ela.

✓ **Bases para uma atuação ampla do profissional X Habilitações:**

Todos os entrevistados indicaram que o curso oferece boas bases para a atuação nas diferentes áreas.

Pergunta: Você acha que o curso de Pedagogia da Unicamp lhe deu base suficiente para atuar nessa área? O que da sua formação você mais utiliza no cotidiano de sua prática?

*Na sua vivência profissional acha que só utiliza os conhecimentos específicos da área em que atua, ou os outros conhecimentos lhe são valiosos. Por que?*²⁰

“O curso ajuda sim, certamente. (...) O curso como um todo, e eu acho que não faz mais que a obrigação. É isso, a gente está aqui para isso, para se formar (...). Ajuda bastante, porque embora seja um espaço específico, é educação, então ajuda sim, ajuda bastante...” (entrevistada 1)

“(...) como prática e pontual de Educação de Jovens e Adultos não. Agora como minha concepção de educação, concepção de conhecimento, de ensino e de aprendizagem, se deu aqui... foi através da discussão ampla, que eu considero extremamente ampla, das visões diferentes dos professores, da bibliografia que a gente lia, cada um defendendo o seu peixe... foi rico, eu gostei muito.” (entrevistada 3)

“Com certeza! Eu acho que deu toda a base necessária e até incentiva para a minha atuação nesta área... É claro que cada um vai ler o curso conforme as suas expectativas. Se alguém esperava trabalhar com educação infantil, com certeza se centrou nas disciplinas de educação

²⁰ Idem a nota 17.

infantil, nas disciplinas de prática pedagógica e aí seguiu, como a minha área, eu já imaginava fazer pesquisa, o que aconteceu, as disciplinas introdutórias de fundamentos, é... as de fundamentos e metodologias mesmo não, embora foram importantes para minha formação, mas eu sabia que não iria trabalhar com primeira a quarta, ou em educação infantil. Então as disciplinas de introdução a sociologia, filosofia, psicologia, foram as que eu considero que deram muita base para se pensar como é fazer pesquisa.” (entrevistada 4)

“Então, a UNICAMP, ela pode não dar para gente o material em si, mas ela dá o caminho (...)Na realidade a vida inteira você tem que estudar, nenhuma Universidade deixa você pronta para nada. É na prática mesmo que você vai buscando suas necessidades.” (entrevistada 5)

“Tudo. Eu acho que o curso de Pedagogia pela Unicamp me deu o principal que é o encaminhamento para procurar, para procurar estudos, para procurar teoria, para buscar conhecimento. O que e onde procurar sabe?! (...) a gente tem aqui o referencial para estar estudando e mesmo para você estar buscando no seu dia-a-dia na biblioteca que você tenha na escola, biblioteca pública da cidade, então acho que passou o principal, essa formação investigativa mesmo, de você parar e pensar em sua prática, refletir, buscar, correr atrás daquilo que você não tem... saber olhar o seu trabalho... olhar o trabalho

do seu amigo professor, do seu colega... (...) Então eu acho que o principal que é esse mecanismo de buscar conhecimento e de se engajar na profissão, eu acho que eu não poderia ter estado em uma universidade melhor. (entrevistada 6)

“Olha, assim, quando você começa a dar aula você vai ver quanta coisa você vai aprender na prática, é como a gente fala, o conhecimento tácito, que você só consegue ter quando você está atuando. Só que o que eu gostei é que a Unicamp te dá muita base, você tem muito mais firmeza na hora de prestar um concurso, na hora de recorrer é muito mais fácil, então, assim, base teórica eu achei muito boa, eu não me senti desamparada, eu me senti desamparada na hora de dar aula. Na hora de dar aula é que você vai ver mesmo, mas acho que não tem muito como passar isso, eu acho que é só na prática, isso é difícil, eu acho.” (entrevistada 7)

Nas falas, podemos perceber que todas as entrevistadas observam que o curso não forma especialistas nas diferentes áreas e que isso não seria mesmo possível, mas que ele oferece as referências necessárias para que a busca e o aprofundamento das eventuais lacunas seja feito. Entretanto, esta base não seria essencialmente nas diferentes áreas e sim no pedagogo enquanto profissional com concepções próprias e uma formação mais ampla. Ou seja, a base a que as entrevistadas se referem não seria base na educação infantil, ou não formal, ou na área empresarial, mas sim nas concepções e discussões de educação como

um todo, como um processo. Sendo o que Frigotto (IN Silva e Gentili, 1996) chama de “sólida base teórica e epistemológica”.

“Sem uma sólida base teórica e epistemológica, a formação e profissionalização do educador reduz-se a um adestramento e a um atrofiamiento das possibilidades de, no âmbito ético-político e sócio-econômico, analisar as relações sociais, os processos de poder e de dominação e, portanto, de perceber a possibilidade de trabalhar na construção de uma sociedade alternativa. No âmbito dos processos de construção de conhecimento, crítico e dos processos de ensino aprendizagem, fica incapacitado de perceber que os mesmos se gestam e se desenvolvem a partir de determinações e mediações diversas no plano histórico, social e cultural.

Em outros termos, é mediante uma capacitação teórica e epistemológica que o educador, no plano dos processos de ensino, pode apreender os saberes presentes no senso comum do aluno (sujeito que conhece) e que foram construídos a partir de suas

práticas sociais, lúdicas e culturais mais amplas. A partir desta realidade do aluno, o educador poderá organizar e programar, técnica e didaticamente, os diferentes conteúdos e práticas de ensino. Poderíamos sustentar que as dimensões técnica e didática no processo de ensino, para serem efetivas, implicam necessariamente a dimensão teórica e epistemológica e que, sem estas, aquelas podem se constituir em bloqueadoras de processos de conhecimento previamente construídos pelo aluno."

Dessa forma, o curso de Pedagogia da Unicamp, segundo as entrevistadas e tendo por base a reflexão dos estudiosos da área, possibilita o essencial para a boa formação do Educador/Pedagogo, que é uma forte fundamentação teórica.

Especialização no interior do curso X Continuidade da formação:

Quatro entrevistados acham que a formação oferecida deveria ficar como está, mas sentem a necessidade de um maior número de disciplinas específicas em algumas áreas em particular. Defendem o aumento no tempo de graduação, em que não se voltaria às antigas habilitações, mas, nos últimos semestres, se possibilitaria o olhar mais

específico para os diferentes interesses de atuação, dando espaço, assim, para os temas menos contemplados no currículo.

“Mas eu acho que dá para fazer um curso de 5 anos, quatro anos como a gente fez, porque eu acho bom assim, eu realmente acho bom que o currículo contemple várias coisas, só que a especialização faz falta, então podia ter quatro anos como eu fiz e depois ter um ano para ter matérias, ter vivências de uma coisa específica.”
(entrevistada 1)

“O que eu achei um pecado, inclusive, é que as habilitações específicas ajudariam, pois ficam muito soltas as coisas. Esse nosso currículo você sabe de tudo um pouco e se você for avaliar mesmo, você não sabe nada especificamente. Por isso gostaria de ter o curso como está hoje, porque ele amplia seu olhar, mas sinto falta, pra mim pelo menos especificamente, de uma parte mais específica.” (entrevistada 2)

“Na verdade as habilitações não, eu gosto do curso como está. Mas poderia ter disciplinas, por exemplo, de educação de jovens e adultos, que a gente não teve, como eu disse. Sei lá, ficar mais de quatro anos, e não perder o que tem...”
(entrevistada 3)

“A faculdade é boa e é o curso que eu quero. Eu entrei sem muitas outras expectativas. Mas hoje percebo que poderia ser o curso que é, mas com

mais partes específicas, entende?!” (entrevistada 7)

Através dos trechos acima e conhecendo o currículo do curso de Pedagogia da Unicamp, fica a pergunta: “O reivindicado pelas entrevistadas não seria a proposta da reformulação curricular de 1998?”

Sintetizando a reivindicação dos entrevistados, elas gostariam do curso com a abrangência em suas discussões de todas as áreas, como é, mas com possibilidade de se aprofundar, não sendo as habilitações, ao final do curso, em uma área específica do interesse do aluno.

O que podemos observar é que o formato pedido pelos entrevistados é o atual formato do curso de Pedagogia da Unicamp. Já que sua proposta é discutir de forma ampla e contemplar as diferentes discussões da área educacional, havendo no último semestre do curso os chamados Núcleos Temáticos que contemplariam o aprofundamento em assuntos/áreas do interesse dos alunos.

Assim, podemos supor que o problema apontado pelos entrevistados esteja mais relacionado à realização dos Núcleos Temáticos, em colocá-los em prática, que em aumentar a duração do curso efetivamente. Já que a justificativa das reivindicações apontadas pelos entrevistados parece estar mais ligada a um não entendimento, ou a um não cumprimento da proposta curricular (tendo em vista que são iguais – a reivindicação dos entrevistados e a proposta curricular

para o tema – exceto pelo tempo previsto para execução) que a uma efetiva crítica ao currículo.

Além do aspecto dos Núcleos Temáticos, devemos frisar que o curso tem como préssuposto a necessidade da formação continuada e dessa forma que nenhum estudante sairia daqui totalmente formado, mas com a formação e contínua construção.

“(...) ninguém se forma num curso de quatro anos, embora também se forme no curso de quatro anos, já que este período é continuidade de uma formação anterior e que tem continuidade em uma formação posterior.” (Alves e Garcia In Ferreira, 2000)

✓ **O mercado de trabalho²¹:**

Os entrevistados foram unânimes em dizer que não encontraram nenhuma dificuldade, exceto um dos entrevistados que registrou uma instituição de educação especial que dava preferência (e frisou que não

²¹ Os entrevistados foram indagados sobre a dificuldade que possivelmente poderiam ter enfrentado no mercado de trabalho em decorrência do fim da fragmentação das habilitações, já que em momento da reformulação curricular alguns departamentos da FE-Unicamp, como o DASE, se colocavam contrários à proposta defendendo a necessidade da especialização para atuação em supervisão, administração, dentre outras, sob o argumento de que os formandos pela Unicamp teriam desvantagem em concursos públicos e em outros processos seletivos em relação aos formados em outras IESs, pois as habilitações “contam pontos” para concursos nessas funções e formação específica seria necessária para a atuação.

excluía os outros e sim dava preferência) aos profissionais com habilitação específica.

Pergunta: "Você sentiu algum tipo de dificuldade no mercado de trabalho ao procurar emprego, ou prestar concurso decorrente ao currículo da Unicamp? Quer dizer, por não haver habilitação para as áreas específicas?"

"Não. Acho que não tem nada a ver. Se eu enfrentei alguma dificuldade no mercado de trabalho, e enfrentei, não tem a ver com isso, tem a ver com outros motivos que não importam agora. Eu acho que o meu currículo não deixa a desejar com relação a prestar concurso ou conseguir alguma vaga em algum lugar não." (entrevistada 1)

"Como eu não estou atuando no que o meu curso está direcionado que é a escola, eu ainda não senti essa dificuldade. Ele está me ajudando surpreendentemente, que eu nem esperava isso, na área empresarial, agora eu não fui ainda, eu não saí do curso e voltei para escola para saber se eu vou sentir alguma dificuldade." (entrevistada 2)

"Na verdade só por estar falando 'eu faço Pedagogia na Unicamp', já tem portas e portas abertas, é claro que com ressalvas, se você for fazer estágio em escola, eles falam assim 'Ai! lá vem as meninhas da Unicamp'. Mas o diploma em si não, o único lugar que fui foi para trabalhar

na FUMEC e lá eles nem exigem a especialização. Nunca ninguém me barrou para nada.” (entrevistada 3)

“Não, a dificuldade que eu senti em relação ao diploma era assim, todos viam que eu tinha todas então não tive obstáculos, então eles eram até mais abertos; só uma vez, numa escola de educação especial e eles davam preferência para quem só tinha feito essa (habilitação). Mas davam preferência, não excluíam os outros.” (entrevistada 7).

Nestes trechos, podemos ver que não só não há dificuldade no mercado de trabalho em relação ao diplomado em Pedagogia pela Unicamp através do currículo de 1998, como este facilita em seleções dentro do mercado. Tanto em concursos, já que o curso possibilita a fundamentação teórica para prestá-los, quanto em seleção por currículo, que pode estar ligada à excelência histórica do curso, da faculdade e da universidade como um todo.

✓ **A formação de um profissional crítico:**

Todas as entrevistadas falam que o Pedagogo formado pela Unicamp é principalmente um profissional crítico e que possui a capacidade de refletir sobre sua prática e assim buscar sempre transformação. Claro que os termos utilizados foram diversos, como “ser um profissional reflexivo”, “não ser um profissional apático”, ou

“ser um profissional inquieto”, mas dentro do contexto fica explícito que se referem à criticidade do profissional e a atitude interrogativa e investigativa.

Pergunta: “Como você se vê como Pedagogo? Que características vê nesse profissional formado pela Unicamp?”²²

*“Eu acho que o Pedagogo formado pela Unicamp, pela Faculdade de Educação, eu espero, e eu penso isso, acho que é uma pessoa reflexiva, uma pessoa que aprende a pesquisar, a correr atrás das coisas, ninguém te dá nada pronto, como, por exemplo, ninguém vai te dar ‘como dar aula’, eu acho que você tem instrumentos, acho que nem são instrumentos, você conhece uma gama de disciplinas e de conhecimentos específicos dessas disciplinas e de autores, e você aprende a estar procurando resposta para o seu problema dentro de um conhecimento mais acadêmico, que pode ou não ajudar a prática, dependendo do problema.”
(entrevistada 3)*

“O curso, pensando o curso de Pedagogia da Unicamp o que ele fez? Ele te faz questionar muito, e isso é muito importante, coisa que talvez outros cursos não poderiam suscitar, essas questões inúmeras que a gente sai daqui, a gente sai daqui até chato né?! Eu fui trabalhar com educação Não-Formal, eu pensava projetos, elaborava projetos e era crítica com tudo, extremamente crítica e eu

acho isso muito bom. É bom você ser crítico, você se sente vivo, e você acha que a mudança pode acontecer. Eu acho que o complicado é você sair pra trabalhar num lugar, numa escola e começar a reproduzir tudo o que acontece. Eu acho que a Unicamp faz você sair daqui pensando, eu não posso reproduzir, se eu acho que isso não é uma coisa boa eu não vou fazer e aí ela te faz ter esse senso crítico a todo momento.” (entrevistada 4)

“Bom, a formação que a Unicamp dá pro Pedagogo... busca dar, não sei se consegue, é que o Pedagogo seja uma pessoa aberta pros conhecimentos, que corra atrás daquilo que não sabe, que goste de estudar... Porque os professores daqui gostam muito do que fazem, eles passam essa paixão, então aquela coisa de formar o profissional que quer continuar estudando, que quer continuar seguindo carreira, que quer transforma... Então eu vi muita colega minha, menina nova, que através daqui sentiu vontade de mudar, de melhorar a educação, de mudar o país, de mudar as coisas, então eu acho legal isso, ela dá essa vontade de você transformar alguma coisa, de fazer alguma coisa melhor, então eu acho que você não se acomoda” (entrevistada 5).

“Ai... eu acho que é uma profissional inquietante ele não entra numa rotina, porque todas as minhas amigas, todo mundo que eu converso que fizeram comigo o curso, são poucas que começaram a dar aula e sossegou, parece que ninguém ficou

²² Idem nota 17.

sossegada , mesmo aquela que está só dentro da sala de aula você fala, 'então ela sossegou?', aí você vai conversar com ela e ela diz 'Ai quero mudar isso...' Então, assim... é inquietante , acho que o objetivo era esse, a Unicamp tem esse objetivo de fazer com que a pessoa não seja uma pessoa passiva, então eu acho que conseguiu, porque grande parte das minhas amigas, mesmo estando só em sala de aula, são inquietas. Eu vejo que o Pedagogo da Unicamp sai com essa vontade de melhorar.” (entrevistada 7)

Neste ponto, voltamos à discussão da formação do educador, necessariamente, com sólida base teórica.

Considerando o que os entrevistados apontam como a principal característica do Pedagogo formado pela Unicamp e que foi unânime essa observação, podemos dizer que este curso está na mesma frequência que os apontamentos feitos pelos intelectuais da área para essa formação.

Gadotti, em um artigo intitulado “Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na Atual Sociedade Brasileira”, em que sugere a Pedagogia do Conflito como a mais adequada para o Brasil, fala da necessidade da formação do Pedagogo como um profissional crítico e que além de ser capaz de críticas, seja comprometido com a transformação, com a busca de sempre mais e nunca do conformismo.

“O educador, o filósofo, o pedagogo, o artista, o político têm e tiveram, historicamente, um papel

eminentemente crítico: o papel de inquietar, de incomodar, de inquietar.” (p. 10)

Um profissional capaz de compreender e atuar nas diferentes unidades de ensino, como esclarece Saviane (In Ferreira, 2000)

“(...) ganhou corpo a tese de que o curso de Pedagogia deveria, sobre a base de uma boa fundamentação teórica centrada nos fundamentos da educação, formar o profissional da educação capaz de exercer as diferentes atribuições requeridas pelos sistemas de ensino e unidades escolares, tendo em vista o seu adequado funcionamento.”

Para além dos dados objetivos...

Embora, em nossas entrevistas, tenhamos feito perguntas mais diretas e dessa forma tenhamos coletado dados objetivos, foram inseridas algumas indagações, em nossas perguntas norteadoras, a fim de investigar uma possível relação entre as expectativas dos ingressantes no curso em momento do ingresso, e sua visão sobre o curso após a formação. Isso se justifica observando que embora seja um momento coletivo (vários estudantes estão no curso de Pedagogia da Unicamp e têm oportunidade de fazer o “mesmo” curso) é, também,

um momento muito individual (para cada um, dependendo de seus anseios e “maturidade” a vivência do “mesmo” curso será diferente).

Pudemos, através das entrevistas, confirmar a existência dessa relação. Os entrevistados apontam para uma relação existente entre a escolha pelo curso de Pedagogia e o contentamento com tal curso. Observamos que aqueles profissionais que não tinham “firmeza” em sua escolha pelo curso são os que mais apresentam descontentamento com sua formação. Por outro lado, aqueles para as quais o curso era a principal opção, e que já tinham determinados interesses e expectativas em relação ao curso, foram as que demonstraram maior grau de contentamento com sua formação.

“É... eu gostava da área de educação, mas não foi uma escolha muito consciente. Depois de começar a fazer eu quase larguei o curso. Não era exatamente o que eu esperava. É... também, vou ser bem sincera, também por causa de concorrência, não é um curso muito concorrido, aí eu falei “vou prestar esse”, eu queria entrar na Universidade de qualquer forma. Então eu procurei vários cursos, olhei... eu sabia que era um de humanas que eu queria, e aí dentre eles o melhor custo-benefício acabou sendo o de Pedagogia e por isso eu prestei.”

(...)

“Ah, eu acho que eu poderia ser um profissional melhor. Eu acho que o curso não exige muito. Eu não sei se isso tem a ver com currículo ou não, se isso tem a ver com professores, se isso tem a ver

comigo mesma, mas eu acho que o curso não exigiu o quanto poderia exigir, o curso não foi tão completo quanto poderia ser, então acho que sou uma profissional... assim... eu tenho lá... o curso me dá algumas armas para eu continuar aprendendo, me dá algumas bases para eu buscar mais coisas para eu crescer enquanto profissional, mas ele só dá as bases... Bom talvez a idéia seja essa né?! Eu acho que eu poderia ter sido um profissional melhor, poderia ter sido mais cobrada, porque é isso que eu disse, o aluno de graduação é muito imaturo e o curso precisa ajudar nisso, Precisa jogar na água para você aprender a nadar e não joga muito. Eu acho um curso fácil. Não sei se tem a ver, mas os CRs na Educação são muito altos. Porque a gente é muito inteligente? Não é por isso, todos os alunos que entram na Unicamp são inteligentes, quer dizer, não sei se posso dizer isso, o vestibular é difícil, é muito concorrido, as pessoas são boas, as pessoas que entram aqui e tem muitos CRs aí, tem muitos cursos que o pessoal não consegue nem... que reprovam muito. Aqui são pouquíssimas reprovações, meu curso inteiro, colegas meus que reprovaram foram pouquíssimas vezes. Assim, acho que eu soube de uma colega minha que reprovou em uma disciplina. Não estou dizendo que reprovação é importante. "Ah tem que reprovar!" Estou querendo dizer assim, o curso é fácil não tem muita cobrança." (entrevistada 1)

Nessa fala, percebemos que a entrevistada fez sua escolha pelo curso em decorrência da alta possibilidade de aprovação e sem saber

exatamente o que era o curso. Após o término do curso, se viu como uma profissional não contente consigo como profissional e com críticas em relação à avaliação no interior do curso.

“Olha, no meu caso em específico não foi uma curiosidade ou paixão pela profissão não, porque eu nem tinha muita informação, acredito que muitas meninas que entram, ou meninos, não tem essa informação em qualquer área. Mas eu tinha feito magistério, dei aula durante dois anos para pré-escola e gostei, gostei muito, me dei bem, senti que eu tinha/ levava jeito, digamos assim entre aspas, para isso. Só que Pedagogia não era o curso que eu escolheria, porque eu falo isso para você, porque eu queria trabalhar com crianças mas na área de saúde, aí eu prestei fonoaudiologia, passei e passei em uma faculdade que era paga e como eu não tinha dinheiro para continuar eu tive que parar o curso. Aí eu fiquei super desmotivada, mas ao mesmo tempo querendo trabalhar com crianças, alguma coisa nessa área. Aí é, por influência do meu pai, que ficou sugerindo que eu prestasse Pedagogia já que eu queria trabalhar com crianças levar isso a frente... Aí eu prestei Pedagogia, mas vou ser sincera com você, sem estímulo nenhum de ‘Ah! Vou ser uma Pedagoga’, eu nem tinha idéia exatamente do que era ser uma Pedagoga. Mas prestei e fui mais, não tenho vergonha de admitir, pelo nome da faculdade ‘Não!?! Vou prestar Unicamp, vou prestar Pedagogia que é uma coisa que deve ter a ver com o que eu fiz: magistério’.”

(...)

Eu saí do curso com aquela sensação: eu não sou Pedagoga! Não sei se eu sou Pedagoga. Agora eu sou, mas e aí o que eu faço agora? Porque a Unicamp me deu muita base teórica, muito conhecimento, ampliou muito a minha visão, esse currículo abriu os meus olhos, só que a hora que eu cheguei no mercado é que eu senti a pressão (atuação na área empresarial), aquela “corre que agora você tem que buscar”, aquele indíciozinho que professora deu na aula de gestão eu tive que, eu estou tendo que correr atrás para falar mais sobre especificamente, porque ficou tudo muito solto.” (entrevistada 2)

Esta entrevistada ingressou em Pedagogia na Unicamp por não ter conseguido fazer o curso de real interesse e muito menos pelo curso, entrou pelo “status” da Universidade. Após o término do curso, não sabia exatamente que profissional era e se sentiu perdida no mercado de trabalho tendo a sensação de não ter formação suficiente para a atuação em sua área (empresarial), em decorrência de o curso ter proporcionado essa formação de forma fragmentada.

“Na verdade foi uma opção muito pessoal mesmo, sempre quis fazer Pedagogia, sempre gostei de Educação. Mas não vim para o curso com intenção de dar aula, pois algumas pessoas vem interessadas na educação infantil... eu, não era esse o meu interesse. Eu vim para compreender questões mais complexas em relação a Educação. Não vim com intenção de me formar para ser professora, para trabalhar de primeira a quarta... não foi isso, eu tinha uma visão de que eu queria

uma formação mais abrangente, eu queria compreender os aspectos da educação, não era alguns aspectos só da educação infantil como tem pessoas que vem interessadas no curso já com sua área definida.

(...)

Antes de ingressar, eu já tinha em mente que queria fazer algo que é compreender a educação, eu não sabia muito bem o que era isso. É lógico que eu não sabia que ia chegar aqui e fazer iniciação científica, que ia ter tudo isso. Mas que eu tinha em mente que eu queria fazer isso que era compreender educação. Tanto que eu me lembro agora de uma fala numa aula de sociologia que me perguntaram assim 'quais as suas expectativas para o curso' então eu lembro que eu não tinha expectativa de ir para escola, ir pra educação infantil, a minha expectativa era 'compreender a educação como um todo' e eu acho que fazendo pesquisa, embora é óbvio eu tenho um tema restrito, mas eu consigo ver no que eu estou fazendo uma compreensão, obviamente não uma compreensão total, acho que ninguém tem essa compreensão total, mas uma compreensão parcial de um projeto de pesquisa, de um tema.

(...)

O curso, pensando o curso de Pedagogia da Unicamp o que ele fez? Ele te faz questionar muito, e isso é muito importante, coisa que talvez outros cursos não poderiam suscitar." (entrevistada 4)

Esta entrevistada ingressou no curso com total certeza do que queria, não só com conhecimentos anteriores do curso desejado, como

com expectativas em relação a ele. Após o término do curso, se demonstra satisfeita com a formação que teve e bem encaminhada para dar continuidade a sua formação atingindo suas expectativas em relação a ela.

*“O meu sonho realizado seria eu fazer Unicamp, aí em 97 eu entrei num cursinho, estudei no cursinho o ano todo, grávida, tava grávida na época, e tive minha nêne no final de 1997 e em 1998, final de 1997 e início de 1998 eu entrei aqui em Pedagogia na Unicamp. Meu sonho realizado! Então abracei com todas as mãos, aproveitei o curso ao máximo.”
(...)*

*“Pela minha experiência de vida, a Unicamp foi o que eu esperava, o que eu quis, foi além das minhas expectativas. Porque quando eu cheguei aqui e achei que ia ser habilitada em duas coisas, ia se ter uma formação voltada para uma área específica, pra área que eu optasse e eu saí com muito mais do que eu entrei, e muito mais do que esperava. Inclusive a questão do final do curso que eles mudaram os núcleos temáticos tudo, que eu não cheguei a fazer, mas eu achei muito legal, porque o conhecimento não é fechado.”
(entrevistada 5)*

Esta entrevistada demonstra que o curso foi o que ela sempre quis e que lutou para ingressar nele. Após o término do curso, demonstra-se satisfeita com a formação que teve e mais que isso, comenta como essa formação ultrapassou suas expectativas em relação ao curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber, com o presente estudo que a reformulação curricular de 1998 possibilitou ao curso de Pedagogia da Unicamp formar um sujeito capaz de compreender o processo educativo de forma ampla, sendo um profissional autônomo e capaz de inserir-se de forma ativa nas diferentes áreas educacionais, tendo suficiência para buscar e complementar-se, segundo a necessidade.

Um aspecto que ficou evidente após as entrevistas e que veio reforçar a formação proposta foi o de que o presente curso não forma plenamente o profissional para atuar nas diferentes áreas, especificamente, mas possibilita ao profissional a base e as ferramentas para que o aprofundamento necessário para atuação nesse campo específico seja possível.

Uma metáfora utilizada por uma das entrevistadas e que elucida muito bem o porquê de ser mais interessante o curso da maneira como está – formando um profissional com uma visão ampla de educação e não um especialista – é

“(...) então da feira você pode conhecer só determinadas frutas, não são todas as que você pode ter acesso, eu acho que isso não é legal, eu acho que mesmo que eu não consiga uma salada de frutas muito rica, eu posso pelo menos ter a curiosidade de conhecer que existem diferentes frutas, que eu posso ter acesso a elas quando isso me for necessário. No momento a minha área de

necessidade de estudos é educação infantil, a área que eu optei por trabalhar, que eu estou me descobrindo e que eu estou gostando muito dela. Mas pode ser que amanhã ou depois eu me veja na situação de Pedagoga coordenadora e não mais Pedagoga professora, e aí as minhas leituras, as minhas necessidades de estudo de entrar em grupo para reflexão serão outras. Mas a área eu já conheço, ao menos o sabor da fruta eu já sei qual é, e as utilidades dela descobrirei segundo a necessidade.” (entrevistada 6)

Além de termos podido observar a concepção de Pedagogo se materializar nas falas de nossos entrevistados, pudemos comprovar que a verdadeira formação desse profissional – o Pedagogo – se dará com a continuidade de seus estudos e buscas, o que também é indicado na proposta curricular como necessidade.

Mesmo obtendo os indicativos de que a reformulação curricular foi algo positivo em nosso curso de graduação em Pedagogia pela FE-Unicamp, há de se pensar melhoras em relação a este curso. Tanto em relação ao estudante que se encontra no curso e assim a intervenção deste na relação do estudante com sua formação; quanto em relação a necessidade de se olhar com mais cuidado para a proposta dos Núcleos Temáticos.

Marcam este aspecto os seguintes resultados encontrados:

- ✓ uma relação direta entre as expectativas individuais do estudante acerca do curso e seu contentamento com este, em que o curso poderia encontrar meios de intervir nesta relação

possibilitando um maior aproveitamento do curso também para estes estudantes;

- ✓ o apontamento da necessidade de disciplinas específicas que abarquem os diferentes interesses profissionais dos alunos, em que o curso deve olhar com mais cuidado para a realização dos Núcleos Temáticos, fazendo deles, verdadeiramente, um local de formação para os diversos interesses existentes entre os alunos, sanando assim possíveis lacunas deixadas em uma ou outra área de formação deste estudante.

Através deste trabalho, ficam algumas indagações:

- ✓ O que aconteceu na implementação dos Núcleos Temáticos que, segundo os seus idealizadores e os anseios dos profissionais, é uma excelente alternativa para o aprofundamento em determinadas áreas de interesse dos estudantes?
- ✓ Qual o papel do curso em relação à trajetória individual de cada estudante? Até onde ele deve ir para garantir o aproveitamento desejável da formação?
- ✓ Será o mercado o grande determinador da atuação profissional de nossos pedagogos não havendo espaço para escolha pessoal e individual por uma determinada área?

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, M A da S e FERREIRA, N S C, Para onde vão a orientação e a supervisão educacionais? Campinas/SP: Papirus, 2002.
- ALVES, N e GARCIA, R. L., Rediscutindo o papel dos diferentes profissionais da escola na contemporaneidade, IN FERREIRA, N. S. C., Supervisão Educacional para uma Escola de Qualidade, São Paulo: Cortez, 2000.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S., Investigação Qualitativa em educação, Porto Editora, 1994: 90
- BRZEZINSKI, I, Pedagogia, Pedagogos e Formação de Professores: Busca e movimento, Campinas: Papirus, 1996.
- _____, Formação de professores: Conceção Básica no Movimento de Reformulações Curriculares, In Formação de professores: um desafio, Goiânia: UCG, 1996.
- COMISSÃO AMPLIADA, Proposta de Reformulação Curricular: curso de Pedagogia, FE-UNICAMP, 1998.
- COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA, Pedagogia Informa, no. 08, março de 1998, Informativo da Coordenação.
- _____, Pedagogia Informa, no. 09, agosto de 1998, Informativo da Coordenação.
- _____, Pedagogia Informa, no. 10, novembro de 1998, Informativo da Coordenação.

- COUTINHO, L. S., Curso de pedagogia da Unicamp: Processo de reformulação curricular, Campinas: Trabalho de Conclusão de Curso - Pedagogia/FE- Unicamp, 2002.
- FREITAS, H C L, Formação de Professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação, Educação e Sociedade, 80, v 23, Número Especial, 2002, Campinas, CEDES.
- _____, A reforma universitária no campo da formação dos profissionais da educação básica: as políticas educacionais e o movimento dos educadores. Educação e Sociedade, 68, v 20, dezembro de 1999, São Paulo: Cortez, Campinas, CEDES.
- _____, O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios, Campinas/SP: Papyrus, 1996.
- FREITAS, L C de, Notas sobre a especificidade do pedagogo e sua responsabilidade no estudo da teoria e prática pedagógicas,. Educação e Sociedade, 22, Dezembro de 1985, Campinas, CEDES.
- FRIGOTTO, 1996, CONFIRMAR REFERÊNCIA
- GADOTTI, M., Educação e Sociedade, 01, 1978, Campinas, CEDES.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A., Pesquisa em educação: abordagens qualitativas, São Paulo: EPU, 1986.
- MINTO, C A e MURANAKA, Ma Ap. S, "Lei Darcy Ribeiro"- um olhar crítico social, São Carlos, 1997.
- SAVIANI, D, Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino, Campinas: Autores Associados, 1996.

_____, A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da idéia, In FERREIRA, N. S. C., Supervisão Educacional para uma Escola de Qualidade, São Paulo: Cortez, 2000.

FRIGOTTO, G., A formação e a profissionalização do educador: novos desafios, IN SILVA, T. T. e GENTILI, P., Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo, Brasília: CNTE, 1996.

SCHEIBEL – UFSC e AGUIAR – UFPE, Formação de professores da educação no Brasil: o curso de Pedagogia em questão, s/d.

